

JIM SHEPARD

# O livro de Aron

*Tradução*

Caetano W. Galindo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Jim Shepard

Tradução publicada mediante acordo com Alfred A. Knopf, selo da Knopf Doubleday Group, uma divisão da Random House, LLC.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

The Book of Aron

*Capa*

Claudia Espínola de Carvalho

*Foto de capa*

Buyenlarge Archive/ UIG/ Bridgeman Images/ Fotoarena

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Jane Pessoa

Nana Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Shepard, Jim

O livro de Aron / Jim Shepard; tradução de Caetano W. Galindo — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Book of Aron

ISBN 978-85-359-2765-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

16-04441

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana

813

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

A minha mãe e o meu pai me chamaram de Aron, mas o meu pai dizia que deviam ter me chamado de O Que Foi Que Você Fez, e o meu tio dizia pra todo mundo que deviam ter me chamado de Onde Você Estava Com a Cabeça. Eu quebrava vidros de remédio batendo um no outro e deixava os animais dos vizinhos escaparem do quintal. A minha mãe dizia que o meu pai não devia bater num menino tão pequeno, mas o meu pai dizia que uma desgraça só nunca era suficiente pra mim, e o meu tio dizia pra ela que o meu tipo de loucura era o equivalente a roubar a família.

Quando eu reclamava disso tudo, a minha mãe me lembrava que era tudo culpa minha mesmo e que na nossa família dor de dente se curava dando um tapa do outro lado do rosto. O meu irmão mais velho vivia dizendo que a gente não tinha berço pra deitar nem travesseiro pra descansar. Por que ele não reclamava mais um pouquinho, minha mãe sugeria. Quem sabe dava pra ela acender o fogão com as reclamações dele.

O meu tio era irmão da minha mãe e foi ele que começou a me chamar de Shemaiá, porque eu fazia tanta coisa que obrigava ele a pôr o dedo no nariz pra me dar uma bronca e dizer: “Deus escutou”. A gente dividia uma casa com outra família em Panevėžys, logo depois da fronteira da Lituânia. A gente morava na sala da frente, que tinha uma janela com quatro vidros quadrados e um fogão bem grande com uma folha de flandres por cima. O nosso pai vivia atrás de dinheiro. Por um tempo ele vendeu peles. A nossa mãe queria que ele fizesse outra coisa na vida, mas ele sempre dizia que, papa ou camponês, cada um tinha o seu trabalho. Ela lavava o chão da casa dos outros e, quando ela saía pra trabalhar, os nossos vizinhos faziam o que queriam com a gente. Eles roubavam a nossa comida e jogavam as nossas coisas na rua. Aí ela voltava pra casa morta de cansaço e tinha que brigar com eles por terem tratado a gente desse jeito, enquanto eu ficava escondido atrás do monte de lixo no quintal. Quando os meus irmãos mais velhos chegavam em casa, eles também entravam na gritaria. Cadê o Shemaiá?, eles perguntavam quando tudo acabava. Eu ainda estava atrás do monte de lixo. Quando o vento estava forte, eu ficava com areia nos olhos.

O Shemaiá só cuida dele mesmo, o meu tio vivia dizendo, mas eu nunca quis ser desse jeito. Eu ficava me censurando enquanto caminhava. Fazia listas de jeitos que eu podia melhorar. Os anos passavam como um dia triste que não acabava nunca.

A minha mãe tentou me ensinar o alfabeto, mas não conseguiu. Ela usava uma cartolina grande presa numa tábua e apontava um pássaro ou um homenzinho ou uma sacola, e aí a letra certa de cada um. Foi um dia inteiro só pra me fazer desenhar o semicírculo e a perninha da letra alef. Mas eu parecia um bicho criado no mato. Eu não sabia o nome das coisas. Os professores falavam comigo e eu ficava olhando pasmado. Alef, bet, guímel, dalet, he, vav, zayin. O meu último boletim no cheder antes da

gente se mudar informava que o meu comportamento era insatisfatório, que o que eu sabia de religião era insatisfatório, que a minha aritmética era insatisfatória e que até o meu trabalho com madeira e metal era insatisfatório. O meu pai disse que aquilo era o boletim mais vergonhoso que ele já tinha visto, e pediu pra todo mundo tentar entender como é que eu tinha conseguido uma coisa daquelas. A minha mãe disse que eu podia estar melhorando em algumas áreas, e ele lhe disse que se Deus me desse uma segunda ou uma terceira vida eu ainda não ia entender as coisas. Ele disse que uma pessoa de caráter forte conseguia corrigir os seus rumos e começar de novo, mas que um covarde ou um fracote não ia conseguir uma coisa dessas. Eu sempre ficava pensando se os outros tinham a mesma dificuldade de estudar como eu. Sempre ficava preocupado com o que ia ser de mim se eu não prestasse pra nada. Era um horror ser a pessoa que eu era.

Eu passava os dias de chuva construindo diques no chão pra desviar os riozinhos da rua. Achava umas tábuas e colocava nas poças usando uns pedaços de pau. A minha mãe me arrancava das chuveiradas, dizendo, quando me achava, que lá estava eu sentadinho com sonhos cheios de peixe e panqueca. Ela dizia, enquanto me metia na cama perto do forno, que eu nunca tinha deixado de pegar uma doença, de catapora a sarampo e escarlatina e coqueluche, e que por isso é que eu tinha passado a vida inteira noventa e nove por cento morto.

De noite eu ficava deitado esperando o sono que nem o cachorro do vizinho esperava as carroças passar. Quando ouvia que eu ainda estava acordado, a minha mãe vinha até a minha cama por mais que estivesse cansada daquele jeito. Pra me ajudar a pegar no sono ela dizia que se eu apertasse bem os olhos iam passar umas luzes e planetas voando, só que eu nunca ia conseguir contar todos antes deles desaparecerem. Ela dizia que

o seu avô disse que Deus é que mexia essas luzes e planetas com o mindinho. Eu dizia pra ela me desculpar por eu ser do jeito que eu era, e ela dizia que não se preocupava com a escola, só com o jeito de eu agir com a família e os vizinhos. Ela dizia que muitas vezes a minha língua funcionava mas a cabeça não, ou que a minha cabeça funcionava mas o coração não.

Mesmo assim, quando o meu irmão mais novo nasceu, eu disse a ela que queria que ele fosse jogado no galinheiro. Passei aquele ano inteiro tristonho, quando eu tinha quatro anos, por causa de uma vacina que infeccionou no meu braço. A minha mãe dizia que eu brincava sozinho até quando tinha mais criança por perto. Passaram dois anos e eu não aprendi nada. Não sabia nadar nem andar de bicicleta. Não tinha avós nem tias nem padrinhos. Quando eu perguntava por quê, o meu pai dizia que era porque os parasitas da sociedade comiam bem enquanto quem merecia ganhava só água podre, e a minha mãe dizia que era por causa da minha doença. Eu frequentei o cheder até o meu pai voltar de uma das viagens dele e dizer pra minha mãe que era 1936 e já estava na hora de eu ter uma educação moderna. Gostei da ideia de mudar, já que o nosso professor no cheder estava sempre com comida na barba e dava bengaladas nos dedos da mão da gente depois de qualquer resposta errada, e a casa dele tinha cheiro de canil. Então eu acabei numa escola do Estado, que era bem mais limpinha. O meu pai ficou impressionado com o meu novo professor vestido à moda europeia e com o fato de que depois de ele me ensinar a ler eu comecei a aprender coisas sozinho. Já que vivia entediado e não conhecia ninguém, me apeguei aos livros.

E na escola do Estado eu fiz o meu primeiro amigo, que se chamava Yudl. Eu gostava dele. Como eu, ele não tinha futuro.

Estava sempre correndo pra algum lugar com o nariz escorrendo. A gente fazia balsas pra pôr no rio e treinava cuspe à distância. Ele também me chamava de Shemaiá e eu chamava ele de Pisher. Quando ele aprontava alguma, dava um jeito do professor não perceber que tinha sido ele. Um dia, antes de todo mundo chegar, a gente ficou jogando bilharda com tanta força que acabou quebrando umas janelas da sala de aula. A gente metia medo nos meninos que tinham mochilas bonitas e nunca iam descalços. O tempo todo ele me complicava a vida em casa, e num Shabat eu tomei uma surra por ter desmontado a tesoura da família pra fazer duas espadinhas, uma pra ele e uma pra mim. A mãe dele só ensinou ele a cantar músicas tristes, inclusive uma sobre o rei da Sibéria, antes de ficar doente por causa dos dentes e morrer. Ele veio me procurar quando ela morreu, mas eu me escondi. No dia seguinte ele me disse que dois velhos carregaram ela pra fora de casa em cima de uma tábua e que o seu pai afastou ele do caminho.

Naquele verão chegou um cartão-postal do primo do meu pai que morava em Varsóvia, dizendo pra ele ir pra lá trabalhar na fábrica dele. A fábrica pegava fio de algodão pra fazer tecido. O meu pai foi de carona pra cidade num caminhão cheio de gansos e depois mandou buscar a gente. Ele colocou a gente na rua Zamenhofa, número 21, apartamento 6 — a minha mãe fez todo mundo decorar o endereço pra gente poder achar quando estivesse perdido — e o meu irmão mais novo, que era doente do pulmão, passava o dia na janela dos fundos olhando as latas de lixo. Tanto eu quanto ele achávamos que a melhor coisa dessa mudança era a alfaiataria do outro lado da praça. O alfaiate fazia fardas do Exército e na frente da loja dele tinha três fileiras de manequins de um palmo de altura, cada um vestido com uma

farda em miniatura. A gente adorava especialmente as fitinhas e as medalhas das condecorações.

Como era verão a ideia era que eu fosse trabalhar na fábrica, tão longe que a gente tinha que ir de bonde. Eu ficava trancado num quartinho sem janela com quatro meninos mais velhos e tinha que dar acabamento aos tecidos. A gente precisava raspar os rolos até eles ficarem com aqueles pelinhos das meias de inverno. Cada rolo leva horas e alguém do meu tamanho tinha que apoiar o peito na lâmina pra raspar com força. Nos dias quentes escorria um suor de mim como se fosse chuva no telhado. Os outros meninos diziam umas coisas assim: “Mas que belo rapaz do interior temos agora conosco; ele nitidamente vai ser uma grande figura na cidade”, e eu pensava: será que eu venho aqui só pra eles rirem da minha cara? E me neguei a voltar.

O meu pai disse que ia me dar uma surra tão grande que ia doer quando eu erguesse as sobrancelhas, mas enquanto eu estava ali sentadinho que nem um rato embaixo da vassoura, a minha mãe fez ele parar com aquilo e disse que tinha muita coisa pra eu fazer em casa e que as aulas já iam começar dali a algumas semanas. O meu pai disse que eu só tinha levado meia sova, e ela disse que por ora bastava, e naquela noite quando eles começaram a roncar eu me esgueirei até a cama deles, dei um beijinho de boa-noite nela e descobri os pés dele, pra ver se ele pegava um resfriado.

Como eu não conseguia dormir, ajudava a minha mãe com as primeiras tarefas do dia, e ela dizia a todo mundo que era uma sorte ter um filho que não se incomodava em levantar tão cedo. Eu trabalhava duro e fazia companhia pra ela. Eu esvaziava os baldes de água usada e ia buscar compressas quentes pro peito do meu irmão. Ela perguntava se isso não era bem melhor que ficar quebrando vidro e arranjando problemas, e eu dizia que sim. Eu ainda era tão pequeno que conseguia ficar agachado em



cima do bloco das cerdas do escovão de cabo comprido que ela usava pra lustrar o piso.

Quando ela disse ao meu pai que pelo menos agora os seus filhos estavam se comportando melhor, ele disse que nenhum de nós parecia bem alimentado nem bem-disposto. Na hora do jantar ele brincou que ela cozinhava que nem uma lavadeira. “Vá pra um restaurante”, ela devolveu. Ela depois me disse que quando era mais nova nunca reclamava, assim a sua mãe ia sempre saber quem era a melhor filha e ficaria ao lado dela. Então eu só virava quem eu era mesmo quando apagava a luz, e de manhã começava de novo a fingir que estava tudo bem.

Na nossa escola nova a gente não ficava numa mesa imunda, e sim em bancos escolares de verdade. Eu queria mais livros mas não tinha dinheiro pra comprar, e quando eu tentava pegar emprestado dos meus colegas eles diziam que não. Eu lidava com as provocações sem brigar até perto da hora do sino da aula tocar. Quando a minha mãe reclamou com o professor que um colega tinha me chamado de judeu imundo, o professor disse: “Mas ele é mesmo, não é?”, e daí em diante ela me fez tomar banho toda semana. Fiquei nessa escola até um professor torcer a orelha de uma menina com tanta força que até rasgou, aí a minha mãe me colocou de novo num cheder que também ensinava polonês, a dois pontos de bonde da nossa casa. Mas eu ainda me esquivava da ideia de obedecer a ordens que nem cachorro foge de pedrada. O meu novo professor perguntou à minha mãe o que é que se podia fazer com um menino tão cheio de respostas. Ele parece uma raposa, esse aqui, ele disse; tem oito anos mas parece ter oitenta. E quando ela contou tudo isso ao meu pai ele me deu outra sova. Naquela noite ela foi até a minha cama, sentou e pediu pra eu explicar como eu era; primeiro

eu não consegui responder, e aí acabei dizendo que já tinha entendido que a maioria das pessoas não me compreendia e que quem me entendia não ia me ajudar.

Os meus dois irmãos mais velhos arranjaram um emprego fora da cidade para conduzir cabras até o matadouro e eles só voltavam quando já estava escuro, e, assim como o meu pai, eles também achavam que a minha mãe devia ficar em casa, então ela contou só pra mim o plano de expandir seu negócio de lava-deira. Ela disse que aquilo não era lá uma mina de ouro, mas que podia ajudar bastante, especialmente antes do Pessach e do Rosh Hashaná. Ela me disse que tinha usado um pouco do dinheiro que guardava escondido pra comprar sabão, alvejante e uns barris, e que toda vez que o meu pai passava pelo esconderijo do dinheiro parecia que ela ficava com uma pedra de gelo dentro do crânio e sentia cada fio de cabelo que tinha na cabeça. Eu disse qual o problema dela ficar com o dinheiro se não era dela mesmo, e ela ficou tão feliz que falou que quando eu fizesse nove anos eu ia ser seu sócio. E isso me deixou feliz, porque eu sabia que quando tivesse dinheiro suficiente ia fugir pra Palestina ou pra África.

Uma semana antes do Pessach a gente pôs umas panelas gigantes de água pra ferver no fogão, enfiou todos os lençóis e as roupas que os fregueses tinham dado em dois barris de borda de metal e ela esfregou tudo aquilo com uma pedra amarela de sabão, depois a gente enxaguou, passou tudo pela secadora e arrastou aquela roupa úmida dentro de uns cestos até o sótão, onde ela tinha esticado varais em todas as direções embaixo das vigas. Como a gente tinha aberto as janelas pra encanar vento, ela não conseguiu descansar naquela noite e ficou me falando baixinho de umas gangues especializadas em saltar pelos telhados pra roubar roupa lavada, então eu fui dormir lá em cima pra ver se ela conseguia relaxar.

“Está vendo? Você não pensa só em você”, ela sussurrou quando foi me acordar na manhã seguinte. Ela pôs os lábios na minha testa e a mão na minha bochecha. Quando ela encostava em mim desse jeito, era como se a pessoa que todo mundo odiava tivesse batido as asinhas e sumido. E enquanto essa pessoa estava sumida, eu não deixei ela perceber que eu já tinha acordado.

Como eu não precisava brincar com ninguém, depois da aula eu ia pra casa ajudar a minha mãe. Enquanto o meu irmão mais novo dormia, a gente conversava sobre o nosso dia. Eu falei pra ela do soldado a cavalo perto do ponto do bonde na Gêsia que tirou umas moedas do alforje e me deu, ela perguntou se eu tinha dito obrigado e claro que eu não tinha. Ela concordou que aquilo foi uma coisa esquisita e imaginou se por acaso ele não estava pensando no próprio filho. A gente ficava ouvindo os nossos vizinhos da frente discutirem, e ela contou que o pai da família passava o dia na sinagoga tentando garantir o seu lugar no outro mundo, enquanto a mãe se acabava pra pôr comida na mesa pra todo mundo. Ela disse que a mãe teve catorze filhos e que só seis sobreviveram. Eu disse que talvez agora eles tivessem parado com isso de ter filhos, e ela disse que tomara mesmo, que um anjo de seis asas descesse com essa notícia para a coitada daquela mãe.

Eu fazia coisas boas para a minha mãe, mas ela sempre queria na verdade que eu fizesse essas coisas para o meu irmão menor. Ele tinha medo de tudo. Ela deixava uma velinha perto da cama dele pra espantar as sombras que ficavam pelos cantos porque a janela dele não tinha persiana e de noite ele sempre achava que tinha alguém parado perto dela ou do outro lado, ou batendo na parede, e ele chorava por causa dessas coisas até dormir. Quando ela ia consolar o meu irmão ele estava com os olhos tão

cheios de medo que eu ficava assustado de olhar para eles. O nosso pai gritava pra ele parar, o que piorava tudo. Ele dizia pro meu irmão não esquecer que todo mundo ali no prédio sabia que os pais não precisavam se segurar e que eles podiam dar aos desobedientes a lição que mereciam. Ele ficava se irritando com tudo isso, e aí a nossa mãe aquietava ele no outro cômodo depois de dizer pra eu ficar com o meu irmão e fazer o possível pra deixar ele tranquilo.

O meu irmão tinha tudo quanto era tipo de remédio, conta-gotas e inaladores no criado-mudo, e a minha mãe ensinou a gente a segurar a cabeça dele e inclinar pra frente quando ele tinha dificuldade pra respirar e começava a engasgar. Ele odiava ficar dentro de casa o tempo todo e acabou fugindo e deixando um bilhete que dizia que ele tinha cansado dessa vida, e ficou dois dias sumido. Quando ele voltou, a minha mãe deixou ele trancado no apartamento, e ele arrastava a cadeira até a janela pra poder ver lá fora.

Eu não entendia o meu irmão mas gostava daquele jeito vazio que ele tinha de não reclamar. Ele segurava qualquer coisinha que dessem pra ele com as duas mãos fechadas, dava uma espiadinha ali dentro e depois passava pra um de nós. Se não estava dormindo ou olhando pela janela, ele ficava perto da minha mãe. Quando se irritava, ele não batia em ninguém nem gritava, mas passava dias sem abrir a boca. A minha mãe costumava dizer uma coisa sobre esse silêncio, que a sabedoria dele morria lá dentro da cabeça, uma coisa que a mãe dela também dizia sobre ela mesma. Ela contou pros vizinhos que, uma vez quando ele era bebê, ele deitou no trilho do bonde pra ela não sair de casa, e que ela teve que levar ele pra dentro no colo, e que quando depois ela perguntou por que ele tinha feito aquilo, ele tapou a boca da minha mãe com as mãos.

Ele adorava o rádio e foi por causa dele que eu ouvi pela primeira vez o programa de Janusz Korczak. Quinta-feira à tarde eu tinha que ficar com ele e a gente ouvia o programa pela parede, porque a mulher do vizinho era meio surda. O programa se chamava *O Velho Doutor* e eu gostava porque, apesar dele reclamar que estava sempre sozinho, ele sempre se interessava pelas outras pessoas, especialmente pelas crianças. Eu também gostava porque eu nunca sabia o que ia acontecer. Às vezes ele entrevistava órfãos pobres num acampamento de verão. Outras vezes ele falava do que achava bonito nos aviões. Ou contava uma história de fadas. Ele sabia imitar bichos de fazenda. Quando eu perguntei à minha mãe por que o programa se chamava *O Velho Doutor*, ela disse que tinham reclamado de um pedagogo judeu estar formando a cabeça de crianças polonesas.

Também foi nesse ano que eu comi num restaurante pela primeira vez. O meu pai me levou pra comemorar um lance de sorte que ele nunca me explicou. Foi a primeira vez que eu pude escolher a minha comida. Ele ficou me fazendo perguntas pra ver o que eu sabia de Jan Henryk Dąbrowski enquanto eu comia, já que ele se considerava um historiador amador. Enquanto eu estava comendo a sobremesa, ele me fez rir quebrando nozes com os dentes. Naquela noite eu sonhei que tinha um corvo sentado no meu ombro enquanto ventava forte e uma capa negra balançava nas minhas costas. Quando o meu pai estava se vestindo na manhã seguinte, eu dei um abraço nele. “O que foi que deu nele hoje?”, ele perguntou pra minha mãe antes de sair.

As crianças da minha rua reagiam à minha falta de interesse com mais falta de interesse. Às vezes jogavam pedras em mim.

Mais um verão inteiro se acabou. Eu queria aprender a andar de bicicleta, então fui falar com um menino que tinha uma e ele disse que me ensinava. Eu consegui me virar sozinho depois da primeira aula, e aí ele não quis mais me ensinar. Conheci o Lutek um dia de tarde quando eu estava sentado perto de uns meninos que eu não conhecia e que me mandaram sair dali, mas eu não saí. Ele estava com um gorrinho de pele de coelho com aba pra tapar a orelha e quando um dos meninos perguntou onde foi que ele arranjou aquilo, ele disse que tinha achado no meio das pernas da mãe do menino, aí começaram a dar empurrões nele. Eles derrubaram o Lutek em cima de mim, então eu dei um tranco no menino que tinha dado o empurrão e ele caiu de costas e bateu a cabeça na calçada. Os outros meninos expulsaram a gente dali e depois saíram correndo atrás da gente, e o Lutek me levou para a entrada de um porão escondida atrás de um alçapão de carvão, e eles passaram correndo. Eu perguntei como ele tinha achado aquele lugar e ele disse que vivia se escondendo desde antes de eu nascer. Sentado ali no escuro eu fiz mais perguntas, mas ele parou de responder e ficou só farejando o ar que nem cachorro.

Ele era ainda menor que eu. Era tão pequeno que dizia que tinha uma irmã mais nova que todo mundo achava que era mais velha que ele. Ele dizia que vinha de um vilarejo miserável. O vilarejo não aparecia no mapa e só tinha três vielas de choças, cercas e lama. Ele tinha ficado um ano estudando no Talmud-Torá da rua Miła, que ele disse ser famoso por dar diploma pra qualquer asno. Falou que o pai dele era o carregador mais forte da cidade e que puxava um carrinho que prendia no corpo que nem um cavalo. Ele era especialmente bom com aqueles caixotes imensos de maquinário que chegavam de Łódź e que três homens tinham dificuldade pra arrastar. Fora isso, ele ficava na taverna. Ele trabalhava na estação de trem perto do quintal dos

Jaruszewski. Aquele bairro me dava medo. A fumaça dos montes de escória sempre escurecia o ar por cima das docas de carga.

A minha mãe ficou feliz de eu ter feito um amigo, mas logo achou ruim por eu nunca mais estar por ali pra cuidar do meu irmão mais novo depois que o Lutek assumiu a minha educação. Ele me mostrou como é que se roubava das carroças de vegetais e como um de nós fazendo estardalhaço podia esconder o que o outro fazia, mesmo quando os mascates tomavam conta um da carroça do outro. Com um panfleto francês que pegou numa banca, ele provou que eu não sabia nada de meninas e descobriu que eu sabia tão pouco que nem entendia o que ele estava falando. Depois de ter amaldiçoado uns russos imundos, ele também disse que eu não sabia nada de política, o que também era verdade.

Ele me ensinou que os problemas dos outros nunca deviam atrapalhar a nossa diversão. Conteí pra ele o quanto eu me encenquei com o Yudl, inclusive aquilo das janelas quebradas da escola, mas ele não se impressionou. A família dele tinha se mudado três vezes depois de chegar a Varsóvia, e num dos bairros ele tinha sido levado pela polícia por ter arrombado a porta da casa de um menino que roubou o gorro dele, e em outro por ter feito um buraco na cabeça de um menino com um martelo de joalheiro. Ele disse que o menino acabou ficando bom, apesar de ter que usar bandagem na cabeça e todo mundo ficar chamando ele de xeque.

Eu perguntei se ele apanhava do pai por essas coisas e ele disse que tinha se dado melhor com o cinto do pai depois que aprendeu a esfregar alho e cebola nos roxos. E que ele tinha sorte porque o pai se irritava mais com a gagueira da irmã dele. O pai tentava curar a menina imitando e ridicularizando o jeito dela falar, pra ela ficar com vergonha e parar com aquilo. Ela gostava de mim porque quando eu tinha que esperar ela termi-

nar o que ia dizer eu nunca perdia a paciência. Ela disse ao Lutek que eu era bonzinho e que era pra ele me levar lá mais vezes, então ele me fazia conversar com ela enquanto pegava dinheiro do esconderijo secreto dela. Ele dizia que ela sabia que ele roubava dela mas nunca reclamava. Quando pegava o bastante, a gente comprava salsicha e andava de bonde.

Nos dias em que eu estava por ali e o meu irmão mais novo se sentia melhor, minha mãe mandava eu ir com ele pro parque pra ele pegar um pouco de ar fresco. Ele sempre ficava animadíssimo com o passeio. O quintal dos fundos com as latas de lixo não pegava sol e vivia deserto a não ser por um ou outro gato vira-lata. O Lutek sempre encontrava a gente, isso pra onde quer que a gente tivesse ido. Ele dizia que ficar preso a um tuberculoso não era o fim do mundo e que sempre dava pra gente achar alguma utilidade nele, então um dia a gente convenceu o meu irmão a roubar um pote de geleia e outro dia a cantar pra um policial. Ou então a gente ia cuidar das nossas coisas e ele ia atrás. Toda vez que o Lutek via aquela cara vazia dele, perguntava: “Então, como é que anda o tempo aí em Vilnius?”, uma piada que o meu irmão mais novo nunca entendeu.

Na volta pra casa eu dizia pra ele não contar pra mãe o que a gente tinha feito, mas aí ela dizia que tinha que contar, e ele contava mesmo, e eu não jantava. Aí depois que ele ia dormir, ela sentava no pé da minha cama e a gente ficava se olhando sem falar nada até ela finalmente me pedir pra eu tentar continuar sendo um ser humano decente e me dar um beijo no rosto antes de me desejar boa-noite. Eu ficava olhando pro teto escuro e lembrava que ela não ganhava nada de mim em troca do que me dava, praticamente nunca ganhou. Depois disso eu começava a planejar o meu dia seguinte com o Lutek.